

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

Escola Superior de Altos Estudos

O PAPEL DOS IRMÃOS NAS REDES SOCIAIS PESSOAIS DE
IDOSOS PORTUGUESES

DANIELA ALEXANDRA NASCIMENTO PEREIRA MONTEIRO

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Coimbra, 2015



O Papel dos Irmãos nas Redes Sociais Pessoais de Idosos Portugueses

DANIELA ALEXANDRA NASCIMENTO PEREIRA MONTEIRO

Dissertação Apresentada ao ISMT para a Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica
Orientador: Professor Doutor Henrique Vicente

Coimbra, julho de 2015

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço ao Professor Doutor Henrique Vicente, por toda a disponibilidade e empenho que colocou na orientação deste trabalho, por todas as sugestões e momentos de partilha de opiniões, pela forma como me encorajou a ser capaz de ultrapassar as minhas inseguranças. A si Professor, o meu muito obrigado.

À Casa do Povo de Arazede e às minhas colegas de trabalho, pela compreensão e pela possibilidade de me deixarem frequentar as orientações de dissertação.

Aos meus pais, aos meus avós, ao meu padrasto, mas sobretudo há minha mãe pela compreensão, pelo esforço, paciência, disponibilidade e, acima de tudo, por estar do meu lado na conquista deste sonho, permitindo-me assim voar mais alto.

Aos meus amigos e familiares, por nunca me deixarem desistir e serem constantemente uma força motivadora e de ajuda.

Ao meu namorado, que me apoiou em todo o processo, sempre demonstrando imenso interesse na discussão sobre o meu tema, bem como a sua paciência para os dias mais negros de desmotivação e insegurança.

Por último, mas não menos importante ao meu avô (em memória) a quem devo aquilo que sou hoje, obrigada pela infância feliz, pela educação, pelo carinho, pela partilha de conhecimento e por tudo o que me proporcionou!

Obrigada a todos, sem vocês não teria sido possível.

Resumo

Os estudos sobre redes sociais pessoais nas fases finais do ciclo vital têm focado vínculos específicos, sobretudo intergeracionais, tais como as relações entre pais e filhos ou avós e netos. Menos atenção tem sido dada às relações intrageracionais do idoso, nomeadamente a relação entre irmãos. Tendo em consideração que as redes sociais pessoais contribuem de modo significativo para a integração psicossocial e bem-estar dos indivíduos, o presente estudo visa analisar o papel dos irmãos nas redes sociais de idosos portugueses.

A amostra deste estudo abrange 481 indivíduos, maioritariamente do sexo feminino (62,37%), com uma média de idades de 75,54 anos, distribuídos por várias áreas de Portugal, mas com uma maior prevalência de residentes da zona centro. As informações foram recolhidas através do Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal – Idosos (IARSP – Idosos), que consiste numa entrevista semiestruturada que possibilita a avaliação de diversas dimensões e variáveis da rede social pessoal do idoso, incluindo sobre os vínculos com os irmãos.

Os resultados evidenciam que 29,1% dos inquiridos assinalaram a presença de irmãos na rede social. Entre aqueles que referiram irmãos, a maior parte identificou elementos do sexo feminino com idade igual ou superior a 65 anos. Do ponto de vista estrutural, as redes sociais que incluem irmãos são maiores, com níveis superiores de dispersão geográfica, maior durabilidade dos vínculos, menor frequência de contactos, maior heterogeneidade e menor densidade. Relativamente à dimensão funcional, as redes com irmãos são pontuadas por menos apoio emocional, material/instrumental e de companhia. Contudo, os idosos que mencionam irmãos apresentam maior satisfação com a rede. Estes dados suportam a importância de estudar as relações com irmãos nas fases finais do ciclo vital, estando estas associadas a diferentes características estruturais e funcionais da rede e a uma maior satisfação com a mesma.

Palavras-Chave: rede social pessoal, idosos, irmãos e irmãs, satisfação

Abstract

The studies on personal social networks in the final stages of the life cycle have focused on specific bonds, particularly intergenerational, such as the relationships between parents and children or grandparents and grandchildren. Less attention has been given to intra-generational relationships of the elderly, specifically the relationship between siblings. Considering that personal social networks contribute significantly to the psychosocial integration and well-being of individuals, this study aims to analyze the role of brothers in the social networks of Portuguese elderly.

The sample of this study includes 481 individuals, mostly female (62,37%), with a mean age of 75,54 years, distributed by various areas of Portugal, but with a higher prevalence of residents in the central region. The information was gathered through the Social Personal Social Network Analysis Instrument - Elderly (IARSP - Elderly), that consists in a semi-structured interview that enables the evaluation of various dimensions and variables of personal social network of the elderly, including on the links with brothers.

The results show that 29,1% of respondents indicated the presence of brothers in the social network. Among those who mentioned brothers in their networks, the majority identified female elements, aged equal or over 65 years. From a structural point of view, the social networks that include brothers are larger, with higher levels of geographic dispersion, greater durability of the bonds, less frequent contacts, greater heterogeneity and lower density. Regarding the functional dimension, networks with siblings are punctuated by less emotional, material/instrumental and companionship support. However, the subjects who mention brothers have greater satisfaction with their social network. These data support the importance of studying the relationships with siblings in the final stages of the life cycle, these being associated with different structural and functional characteristics of the network and greater satisfaction with the same.

Key-Words: personal social network, elderly, brothers and sisters, satisfaction

Introdução

Relações entre irmãos

Quando se fala em família, associamos ao lugar onde nascemos, crescemos e morremos. Este contexto envolve um conjunto de afetos e relacionamentos, que vão dando forma ao sentimento de pertencer a uma determinada família (Alarcão, 2002). Sampaio e Gameiro (1985) definem família como um conjunto de elementos ligados por relações, em contínua relação com o exterior, que mantem o seu equilíbrio ao longo de um processo de desenvolvimento. Já Fernandes, Alarcão e Raposo (2007) salientam que a família é a base na qual ocorrem as primeiras aprendizagens, bem como as primeiras experiências sentimentais, aspetos que fazem parte do processo de socialização, iniciando o desenvolvimento da personalidade.

Na família nuclear composta por quatro elementos (o casal e dois filhos), os diferentes componentes do sistema familiar podem organizar-se, pelo menos, em oito subsistemas: quatro individuais, um parental, um conjugal, um filial e um fraternal. Estes caracterizam-se por serem unidades mais pequenas que integram o sistema, dando um total de 28 ligações possíveis entre eles (Vicente & Sousa, 2010). Estas unidades possuem funções diferentes, contudo, estão estreitamente relacionadas. Ou seja, as pessoas podem pertencer, simultaneamente, a diferentes subsistemas e a estrutura familiar pode variar, de forma adaptativa, ao longo do ciclo de vida da família.

Relativamente ao último subsistema anteriormente mencionado, o fraternal, este é constituído pelos irmãos, formando-se quando nasce o segundo filho e caracterizando-se por ser a relação mais longa no tempo. É constituído pelas interações fraternais, ou seja, o relacionamento entre os irmãos, e representa um espaço de socialização e de experimentação de papéis face ao mundo extrafamiliar (Alarcão, 2002), sendo o foco desta investigação.

No contexto do estudo das famílias multigeracionais, Vicente e Sousa (2010) caracterizaram a sua estrutura, que apresenta divergências comparativamente à da família nuclear. Os autores identificaram cinco subsistemas: 1) indivíduo, 2) núcleo familiar (sujeitos em coabitação que partilham ou não laços familiares), 3) composição familiar (associação, aliança ou coligação de dois ou mais núcleos familiares), 4) geração (associação horizontal de indivíduos que partilham a mesma posição geracional), 5) linhagem (associação vertical de

indivíduos de diferentes gerações, que se caracteriza pela consanguinidade e partilha da herança genética, englobando indivíduos que partilham laços de ascendência ou descendência).

Com base na identificação dos subsistemas das famílias multigeracionais de Vicente e Sousa (2010), é possível colocar a relação entre irmãos, como uma relação que ocorre entre elementos que pertencem ao mesmo subsistema geracional, que possuem os mesmos ascendentes, mas a partir dos quais se geram linhagens distintas.

Handel (1994) refere que as revisões da literatura que têm sido realizadas indicam que as relações ou interações entre irmãos têm granjeado pouca atenção, sendo mesmo por vezes negligenciadas. Por outro lado, o mesmo autor refere que as Ciências Sociais, nomeadamente a Psicologia e a Psiquiatria, focam-se sobretudo nas questões de hostilidade entre irmãos, destacando em particular o conceito de rivalidade fraterna. Refere também que a rivalidade fraterna tem sido suportada por investigações sociológicas no âmbito da violência entre irmãos, constituindo parte de uma grande investigação sobre a violência nas famílias.

Para Handel (1994) existem 4 condições que podem estar associadas a relações problemáticas entre irmãos: 1) partilha pelos pais: recursos limitados/solidariedade; 2) idades diferentes desencadeiam expectativas distintas; 3) individualidade psicossocial e biológica: cada criança, apesar de partilhar com o irmão os mesmos pais, apresenta as suas características idiossincráticas, e portanto cada uma evoca respostas de certa forma individualizadas de cada pai e/ou progenitor; 4) irmãos de um sexo diferente: pode ser uma condição que gera relações problemáticas, devido às expectativas inerentes aos papéis de género. Neste caso, irmãos e irmãs aprendem a relacionar-se entre si de uma forma que é condicionada pelo facto de serem de sexos diferentes, ao mesmo tempo que esperam, uma vez que são filhos dos mesmos pais, terem o direito de serem tratados de forma igual.

É igualmente importante realçar a evolução do relacionamento entre irmãos ao longo do ciclo vital da família: *equidade* (a criança não é capaz de ser indiferente em relação à forma como o irmão é tratado pelos pais, ou seja, há crianças que ficam mais sensíveis ao ver a forma como os pais tratam o irmão. Por isso, é essencial que os pais tenham atenção às preferências e às comparações entre filhos); *maturidade* (há uma maior dificuldade na equidade entre irmãos quando têm idades diferentes, dado que envolve expectativas diferentes por parte dos pais. Por exemplo, no irmão mais velho é esperado um comportamento diferente, mais aproximado da forma adulta. Os relacionamentos entre irmãos são, em certa medida, moldados por estas preocupações, o que pode remeter para a maturidade nas relações fraternas); *lealdade* (a lealdade de um irmão para o outro manifesta-

se em determinados contextos e é expressa através de um comportamento característico – disponibilidade, proteção e partilha); e *individualidade* (mesmo quando os irmãos estão envolvidos um com o outro, de certa forma também estão a procurar a sua individualidade para serem capazes de limitar as exigências que podem fazer sobre o outro. Aqui evidencia-se a questão da privacidade e autodemarcação) (Handel, 1994).

Na idade adulta, por norma ocorre um distanciamento entre os irmãos, uma vez que cada um segue o seu caminho de forma independente, isto é, iniciam a sua carreira profissional e criam a sua própria família nuclear. Por isso, os seus investimentos emocionais estão mais focados na construção da sua vida pessoal. Contudo, Goldsmid e Féres-Carneiro (2007) consideram que o distanciamento entre irmãos adultos poderá ser maior ou menor dependendo da dinâmica familiar passada.

Pimentel (2008) emitiu uma comunicação interessante sobre os dilemas de cuidar de pessoas idosas, na qual menciona que numa fratria de vários irmãos é comum existir um único cuidador dos pais idosos e são poucas as situações em que todos os irmãos cuidam. Num estudo realizado com 36 fratrias, apenas em 9 fratrias todos os seus membros estavam envolvidos na prestação de cuidados. No entanto, apesar de não serem identificados como cuidadores, alguns irmãos dão um apoio pontual quando visitam os pais idosos ou quando o principal cuidador tem algum imprevisto. É verdade que os irmãos nem sempre têm as respostas mais ajustadas às expectativas da família, mas algumas pesquisas sociais mostram-nos que a sua capacidade de adaptação é exemplar, possibilitando um ajustamento às exigências, mostrando igualmente capacidade para dar soluções que permitem fazer face a situações vulneráveis (Pimentel, 2008).

Redes sociais pessoais

Existem múltiplas definições para o conceito de rede social, sendo que todas se centram em dois elementos: nódulos (as pessoas ou organizações que as compõem) e os laços de interdependência (relações/vínculos entre os atores que constituem a rede) (Vicente & Sousa, 2012a). Segundo Guadalupe (2003), a rede social assume formas distintas, de acordo com o tipo de atores sociais e de laços envolvidos, os quais fornecem um espaço onde os papéis são valorizados, sendo que o indivíduo é compreendido como um elemento interativo num conjunto de “parceiros sociais”. Já na perspetiva de Sluzki (1996) é possível definir rede social pessoal como a soma de todas as relações que um indivíduo compreende como significativas. Tal significa que a rede envolve todo o contexto de interação social do

indivíduo, contribuindo de modo significativo para a sua integração psicossocial, desenvolvimento de identidade e consolidação de potenciais trocas, promovendo também o seu bem-estar. A rede social pessoal tem igualmente a qualidade ímpar de ser centrada no indivíduo (baseada num sujeito focal) e, em simultâneo, no sistema relacional (inclui o corpo social significativo que rodeia um indivíduo).

Em 1993, foram identificadas quatro abordagens à conceptualização teórica das redes sociais: a) *interativa*: enfatiza os contactos entre membros da rede; b) *papel relacional*: destaca os relacionamentos entre os membros da rede como determinantes do tipo de rede; c) *afetiva*: com base nas avaliações sobre quem são as pessoas mais importantes nas suas vidas; d) *troca*: realça a importância dos padrões de troca entre os membros da rede (Van der Poel, 1993). O presente estudo, e o instrumento que lhe está subjacente, envolve todas as abordagens supracitadas.

Também é importante salientar que existem várias dimensões da rede de suporte social: dimensão estrutural, funcional e relacional. A relevância do seu estudo acresce quando nos apercebemos de que a qualidade da relação no meio social do indivíduo é tanto maior quando mais coesa for a sua rede social. O indivíduo, embora seja um ser único, é um ser que se relaciona, que não vive sozinho e que se faz das suas circunstâncias. Neste sentido Sluzki (1996), e posteriormente Alarcão (2007), apontam quatro quadrantes ou campos relacionais das redes, que permitem diagnosticar o nível de concentração da rede: 1) família; 2) amizade; 3) relações laborais ou escolares; e 4) relações comunitárias, de serviço ou religiosas.

A *dimensão estrutural* diz respeito à organização da teia relacional, ou seja, das redes sociais enquanto sistemas de relações. Estas características possibilitam uma visão de toda a rede, incluindo o tamanho (número de indivíduos da rede), densidade (a forma como os vários indivíduos que compõem a rede se relacionam), composição (proporção de membros nos vários quadrantes e graus de intimidade), e dispersão (distância geográfica entre os sujeitos). A *dimensão funcional* está relacionada com as trocas e necessidades funcionais que ocorrem na rede. Esta dimensão associa-se às relações estabelecidas num contexto específico e num determinado momento da história, onde as trocas de apoio podem assumir diversas formas: companhia social, apoio emocional, apoio financeiro, apoio cognitivo e aconselhamento, regulação social, apoio material/instrumental e acesso a novos contactos. Quanto à *dimensão relacional* das redes, podem-se distinguir diferentes atributos para cada vínculo. Estes podem ser analisados segundo a multidimensionalidade, frequência de contactos e reciprocidade nas relações de apoio (Guadalupe, 2010). Importa assinalar que outros autores agregam as variáveis de rede supracitadas em apenas duas dimensões:

estrutural (tamanho, composição, frequência de contactos, dispersão geográfica, densidade) e funcional (diferentes tipos de apoio e reciprocidade) (Litwin, 1995; Vicente & Sousa, 2012a).

De forma muito resumida, importa destacar que a relevância do estudo das redes sociais pessoais nas idades avançadas emerge do reconhecimento que uma rede social pessoal estável, sensível, ativa e de confiança protege a pessoa contra as doenças, atuando como agente de ajuda, dada a rapidez da utilização dos serviços de saúde (se necessário), acelerando os processos de cura e aumentando a sobrevivência (Slukzi, 1996).

O papel dos irmãos nas redes sociais pessoais de idosos

A rede social pessoal evolui ao longo do tempo, sofrendo as seguintes alterações na velhice: 1) diminuição/contração do tamanho da rede social (morte, migração e/ou debilidade física dos elementos); 2) diminuição das oportunidades e da motivação para renovar a rede social; 3) diminuição da energia disponível para a manutenção da rede (são exigidos esforços acrescidos) (Sluzki, 1996). As redes sociais pessoais dos idosos envolvem ainda menos proximidade nas relações interpessoais (e.g. falta de amigos), recebendo menos apoio ao nível económico, no aconselhamento e na possibilidade de estabelecer novos contactos (Lang, 2000; Sousa, 2005). Por outro lado, as redes sociais pessoais desempenham um papel importante na qualidade de vida dos idosos (Sousa, 2005), incluindo: proteger o indivíduo do stress associado às pressões do contexto; atenuar, prevenir e participar no tratamento de doenças físicas e mentais; prover apoio ao enfrentar determinados acontecimentos de vida e auxiliar na integração social; promover a experiência da identidade individual, contribuindo para o autoconhecimento (Vicente & Sousa, 2012a).

Importa também referir o tipo de associação que existe entre a rede social e a saúde dos idosos, que tem primordial importância para o envelhecimento ativo (e.g. Antonucci, Ajrouch & Birditt, 2013; Latham, Clarke & Pavela, 2015). O recente estudo de Latham, Clarke e Pavela (2015) refere que algumas investigações têm enfatizado os benefícios das redes sociais para prevenir o declínio da saúde funcional (e.g. aparecimento de défices), tendo um papel facilitador. Contudo, a literatura ainda é limitada no que respeita à influência das redes sociais no envelhecimento, dando uma ênfase excessiva ao apoio social filial, havendo escassez de estudos relativamente ao auxílio dos irmãos na velhice, ou seja, os indivíduos que partilham a mesma posição geracional.

Embora a literatura geralmente foque as relações entre irmãos nas fases precoces do ciclo vital (infância e adolescência), alguns estudos já se focaram sobre a relação entre irmãos

na adultez e velhice. Entre estes conta-se com a investigação de White e Riedmann (1992) sobre o apoio social entre irmãos adultos. Estes analisaram uma amostra de 7,730 adultos com irmãos. Quase 30% da amostra referiu que, em caso de emergência, chamaria em primeiro lugar um irmão. O género também desempenha uma função significativa, onde as irmãs tendem a manter mais contato com os irmãos/irmãs, em comparação com os irmãos.

Também o estudo de Neyer (2002) sobre as relações entre irmãos na velhice refere que os laços entre irmãos são tipos específicos de relações íntimas que, normalmente, duram tanto tempo quanto a própria vida, onde há partilha de experiências e histórias de vida. Na idade adulta os irmãos desempenham um papel semelhante ao de amigos. Para os idosos, os amigos tendem a agir como companheiros, enquanto os irmãos têm a importante função de confidentes (Cicirelli, 1995; Connidis & Davies, 1990).

Cicirelli (1995) menciona que nos EUA quase 78% das pessoas com mais de 60 anos de idade tem pelo menos um irmão com quem ainda comunicam. Quanto às tendências da idade, adolescência até à idade adulta e velhice, os resultados indicaram que a proximidade emocional dos irmãos aumenta com a idade.

Uma investigação realizada em Taiwan também mostra que os laços entre irmãos, de modo geral, são mais estreitos, tendo por base o companheirismo social e apoio emocional, e menos apoio instrumental e financeiro. Todavia, ao comparar indivíduos adultos jovens e de meia-idade, verificou que as pessoas mais velhas têm menos contacto e recebem menos assistência por parte dos irmãos (Lu, 2007).

Connidis (1994) através de uma amostra de 528 entrevistados com 55 anos e mais, com pelo menos um irmão vivo, avaliou o apoio instrumental dos irmãos (financeiro, ajuda durante a doença, entre outros); a perceção dos irmãos como fonte de apoio (em situações de crise, doença de longa duração, coresidência) e as características dos entrevistados e as suas redes de irmãos, estando associadas a receberem/perceberem ajuda e a estarem disponíveis. A maioria dos entrevistados receberam apoio do irmão e perceberam que os irmãos estão disponíveis para apoiar numa situação de crise. Já os que têm dois ou mais irmãos são mais propensos a receberem ajuda e a perceberem a disponibilidade dos irmãos, em comparação com os que só têm um irmão.

Ainda sobre a qualidade dos relacionamentos entre irmãos, o estudo de Smith e Greenberg (2008) indica que esta ligação tem um impacto significativo na vida de adultos com esquizofrenia. Os irmãos relataram que a relação é melhor quando eles próprios cresceram num ambiente familiar mais coeso, e quando tiveram mais ganhos pessoais ao lidar com a doença mental do irmão/irmã. Contudo, também relataram que a relação se torna pior

quando percebem que o seu irmão/irmã com esquizofrenia não tem controlo sobre a sua sintomatologia, expressando mais receio em relação ao comportamento do seu irmão/irmã. Os autores concluíram que, ao identificarem os fatores positivos associados ao relacionamento entre irmãos, promotores de saúde mental, estarão mais preparados para se envolverem no processo de tratamento do irmão, ajudando a promover laços de afeto mais fortes entre adultos com esquizofrenia e os seus irmãos.

Objetivos

A presente dissertação integra o Projeto de Investigação “Redes Sociais Pessoais de Idosos”, em desenvolvimento no Departamento de Investigação & Desenvolvimento do ISMT e no Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (CEPESE). Este projeto pretende descrever e tipificar as redes sociais dos idosos portugueses quanto às suas características estruturais, funcionais e relacionais-contextuais, analisando intercessões com variáveis demográficas, familiares, relacionais, socioprofissionais, psicológicas, de saúde e de participação social. Integra diversos estudos seccionais, utilizando as metodologias quantitativas e de análise de redes sociais (*ego network analysis*).

Uma vez que em Portugal existem ainda poucos estudos que averiguem a influência dos irmãos nas redes sociais pessoais de idosos e a sua satisfação, este estudo coloca o enfoque precisamente sobre as relações fraternais. Especificamente, pretendemos comparar as redes sociais pessoais dos indivíduos que incluem irmãos com aquelas que se pontuam pela inexistência de irmãos, ao nível da estrutura, funções e satisfação com a rede/apoio social. Pretende-se igualmente estudar o papel dos irmãos na rede (e.g. apoio prestado pelos irmãos) e analisar as diferenças das variáveis relacionadas com os irmãos em função do sexo e idade dos mesmos.

Material e Métodos

Procedimentos

O presente estudo integrado no Projeto de Investigação “Redes Sociais Pessoais de Idosos”, da responsabilidade das Professoras Doutoradas Sónia Guadalupe e Fernanda Daniel, e do Professor Doutor Henrique Vicente, conta com uma equipa licenciados a desenvolver as suas dissertações de mestrado em Psicologia Clínica e em Serviço Social.

O projeto de investigação “Redes Sociais Pessoais de Idosos” utiliza um protocolo de recolha de dados com 8 secções de questões: 1) Caraterísticas sociodemográficas e familiares; 2) Caraterísticas socioprofissionais e de aposentação; 3) (E)Migração; 4) Saúde e qualidade de vida; 5) Solidão e depressão; 6) Satisfação com a vida, com relações interpessoais e *coping* resiliente; 7) Participação social; 8) Rede social pessoal.

Para este estudo procedeu-se a um contato inicial com idosos institucionalizados e não institucionalizados, tendo sido explicados os objetivos do estudo e lido o consentimento informado. Posteriormente foi aplicado protocolo de recolha de dados em situação de entrevista. Foram considerados os seguintes critérios de inclusão: idade igual ou superior a 65 anos; nacionalidade portuguesa; ausência de patologias que impedissem a participação consciente na investigação.

Instrumentos

O protocolo inclui nove instrumentos padronizados, em versão integral ou parcial: Inventário de Satisfação com a Reforma (Fonseca & Paúl, 1999); MHI-5 – *Mental Health Inventory* (Ribeiro, 2001); *Geriatric Depression Scale GDS Short Form 15* (Yesavage et al., 1983; Almeida & Almeida, 1999); Escala de Solidão da UCLA (Neto, 1989); SWLS - *Satisfaction With Life Scale* (Diener, 1985); *Coping* Resiliente (Sinclair & Wallston, 2003); Easycare (2010); WHOQOL (OMS; Canavarro et al., 2006); IARSP - Idosos (Guadalupe & Vicente, 2012). No presente estudo apenas utilizámos os dados recolhidos com o Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal - IARSP-Idosos (Guadalupe & Vicente, 2012).

Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal – Idosos (IARSP – Idosos)

O instrumento original, desenvolvido e adaptado por vários autores a nível nacional (e.g. Alarcão & Sousa, 2007; Vicente, 2010), consiste numa entrevista semiestruturada que possibilita a avaliação de diversas dimensões e variáveis da rede social pessoal do inquirido.

Relativamente a versões anteriores, o questionário utilizado para este estudo foi submetido a algumas alterações, tendo sido retirados alguns itens que tornavam o seu preenchimento mais longo. A questão inicial (*probe question*), que permite gerar a rede, também sofreu algumas alterações:

Refira o nome das pessoas com quem se relaciona, são significativas na sua vida e o/a apoiam. Use o tipo de identificação que desejar (1º nome, alcunha ou iniciais). Refira o vínculo que a pessoa tem consigo. Na família especifique o parentesco (mãe, pai, filho, cônjuge, irmão, tio, etc....). Os técnicos podem ser um médico, um psicólogo, um assistente social, etc..

Algumas das alterações relativamente a versões anteriores remetem para o número de variáveis avaliadas na rede do idoso. Enquanto noutros estudos (e.g. Vicente, 2010) os idosos eram questionados acerca dos apoios emocional, financeiro, instrumental, técnico ou de serviços, aconselhamento, acesso a novos contactos, companhia social e regulação social e, ainda, ao conflito, intimidade e reciprocidade, na presente investigação houve uma redução de apoios avaliados. Foram acrescentadas também algumas componentes, tais como: mudança percebida no tamanho da rede com a aposentação, perdas, cortes relacionais, satisfação com a rede e satisfação com o suporte social, e a presença ou não de um cuidador. Estes aspetos permitem um estudo mais pormenorizado acerca da perceção que o idoso no que diz respeito à satisfação com a rede e a sua posição perante a mesma. Na Tabela 1 podem ser visualizadas as variáveis de rede utilizadas no presente estudo.

Tabela 1.*Entrevista e variáveis*

Questão	Variável	Definição
Dimensão 1. Estrutura – características morfológicas básicas da rede		
“Refira o nome das pessoas com que se relaciona, são significativas na sua vida e o/a apoiam.”	Tamanho	Número total de pessoas
“Vive: 1- Na mesma casa; 2- No mesmo bairro/rua; 3- Na mesma terra; 4- Até 50 km; 5- A mais de 50 km”	Dispersão geográfica	Acessibilidade dos membros da rede
“Refira há quanto tempo conhece ou mantém um relacionamento com cada elemento.”	Durabilidade	Durabilidade total de cada relação, em anos.
Refira com que frequência que contacta com esta pessoa: “Use os números: 1- Diariamente; 2- Algumas vezes por semana; 3- Semanalmente; 4- Algumas vezes por mês; 5- Algumas vezes por ano”	Frequência de contactos	Acessibilidade dos membros da rede
“Refira o vínculo que a pessoa tem consigo: família (especificar o parentesco); amigo(a); vizinho; relações de trabalho ou estudo; técnico”	Número de campos relacionais representados (Heterogeneidade)	Número de campos relacionais com membros
“Quem conhece quem na rede”	Densidade	Número de ligações na rede, além do elemento focal
Dimensão 2. Funções – conteúdos disponíveis e desempenhados pela rede		
“Indique o nível de apoio ou ajuda percebida, em cada uma das seguintes áreas*” (1- nenhum; 2- algum; 3- muito)	Apoio	Nível de apoio ou ajuda percebida
“Pensando no apoio que dá a estas pessoas que referiu, pode afirmar que: 1 - Não dá apoio a nenhuma destas pessoas; 2 – Dá apoio a poucas destas pessoas; 3 – Dá apoio a algumas destas pessoas; 4 – Dá apoio a maior parte destas pessoas.	Reciprocidade	Se a pessoal focal disponibiliza as mesmas funções ou equivalentes à rede

Dimensão 3. Medidas de satisfação

“Indique o nível de satisfação com o suporte social: 1- nada; 2- pouco; 3- muito”	Satisfação com o suporte social	Nível de satisfação com o suporte social providenciado pela rede
“Indique o nível de satisfação com a rede pessoal: 1- nada; 2- pouco; 3- muito”	Satisfação com a rede	Nível de satisfação com a rede

* Áreas de apoio: i) apoio emocional: ato de proporcionar à pessoa focal estima e afeto com intuito de esta alcançar os seus objetivos pessoais; ii) apoio material e instrumental: proporcionar ajuda nas atividades quotidianas do indivíduo focal; iii) apoio informativo: fornecimento de informações úteis ao indivíduo focal; iv) acesso a novos contactos: interações com a pessoa focal com intuito de que esta estabeleça contactos com novos elementos; v) companhia social: disponibilização de algum tempo para fazer companhia à pessoa focal.

Especificamente para este estudo foram ainda acrescentadas as seguintes variáveis: presença de irmãos na rede, número de irmãos na rede, sexo dos irmãos, idade dos irmãos, durabilidade das relações com irmãos, frequência de contactos com irmãos, dispersão geográfica dos irmãos, apoio emocional dos irmãos, apoio material dos irmãos, apoio informativo dos irmãos, companhia social dos irmãos, e acesso a novos contactos através dos irmãos.

Participantes

A amostra é composta por 481 indivíduos, sendo constituída maioritariamente pelo género feminino ($n = 300$; 62,4%) comparativamente com o sexo masculino ($n = 181$; 37,6%). No que se refere à distribuição por classes etárias, 51,6 % pertencem ao escalão ≤ 75 anos ($n = 248$), 35,6% ao escalão de 76-85anos ($n = 171$) e 12,9% ao escalão de ≥ 86 anos ($n = 62$). Relativamente ao estado civil, a maioria dos idosos referiram ser casados(as) / união de facto ($n = 260$; 54,1%), seguindo-se os viúvos(as) ($n = 164$; 34,1%), solteiros(as) ($n = 35$; 7,3%) e divorciados(as) / separados(as) ($n = 22$; 4,6%).

No que respeita à distribuição geográfica por distrito, Coimbra é o distrito mais representativo ($n = 331$; 68,7%), seguindo-se Aveiro ($n = 52$; 10,8%), Leiria ($n = 49$; 10,2%), Viseu ($n = 29$; 6,0%), Região Autónoma da Madeira ($n = 17$; 3,5%), Guarda ($n = 2$; 0,7%), e por último, Santarém ($n = 1$; 0,2%). Quanto à dispersão geográfica trata-se de uma população que reside maioritariamente em zona inserida em aglomerado populacional ($n = 434$; 90,2%), sendo que apenas 9,8% dos inquiridos reside em zonas isoladas ($n = 47$). Relativamente aos padrões de habitação, a grande maioria afirmou residir em sua casa ($n = 385$; 80,0%),

seguindo-se em casa de familiares ($n = 46$; 9,5%), em instituições ($n = 43$; 8,9%) e em outras situações ($n = 7$; 1,5%).

Em termos de composição do agregado familiar (se vive só ou acompanhado por outras pessoas) verificamos que a maioria da nossa amostra ($n = 390$; 81,1%) mencionou não viver só. Relativamente ao nível de escolaridade a distribuição é a seguinte: 4ª classe ($n = 247$; 51,4%), não sabem ler nem escrever ($n = 73$; 15,2%), sabem ler ($n = 72$; 15,0%), 9º ano de escolaridade ($n = 29$; 6,0%), curso superior ($n = 28$; 5,8%), ensino preparatório ($n = 20$; 4,1%) e 12º ano ($n = 12$; 2,5%). Os rendimentos encontravam-se categorizados da seguinte forma: “cobrem os gastos, mas não permitem poupar” ($n = 270$; 56,1%), “cobrem os gastos e permitem poupar” ($n = 106$; 22,0%) e “não são suficientes para os gastos” ($n = 105$; 21,8%). Dos 481 inquiridos, 441 estão aposentados (91,7%), seguindo-se o grupo de pessoas que não estão aposentadas ($n = 23$; 4,8%), e, por fim, o grupo de pessoas que têm reforma, mas estão a trabalhar ($n = 17$; 3,5%). Os dados sociodemográficos da amostra podem ser consultados na Tabela 2.

Tabela 2.

Caraterização sociodemográfica

	<i>n</i> = 481	%	Medidas descritivas
Sexo			
Masculino	181	37,6	<i>Mo</i> : feminino
Feminino	300	62,4	
Total	482	100	
Classe etária			
≤ 75 anos	248	51,5	<i>M</i> = 75,54
76-85 anos	171	35,6	<i>DP</i> = 7,77
≥ 86 anos	62	12,9	<i>Mo</i> : < 75 anos
Total	481	100	
Estado civil			
Solteiro(a)	35	7,3	<i>Mo</i> : Casado(a) ou em união de facto
Casado(a) ou em união de facto	260	54,1	
Viúvo(a)	164	34,0	
Divorciado(a) ou separado(a)	22	4,6	
Total	481	100	

Distribuição geográfica			
Aveiro	52	10,8	
Coimbra	331	68,7	
Guarda	2	0,4	<i>Mo: Coimbra</i>
Leiria	49	10,2	
Santarém	1	0,2	
Viseu	29	6,0	
Região Autónoma da Madeira	17	3,5	
Total	481	100	
Dispersão geográfica			
Isolada	47	9,8	<i>Mo: Inserida em</i>
Inserida em aglomerado populacional	434	90,2	aglomerado populacional
Total	481	100	
Padrão de habitação			
Na sua casa	385	80,0	
Em casa de familiares	46	9,5	<i>Mo: Na sua casa</i>
Em instituição	43	8,9	
Outra situação	7	1,5	
Total	481	100	
Agregado familiar			
Vive só	91	18,9	<i>Mo: Não vive só</i>
Não vive só	390	81,1	
Total	481	100	
Nível de escolaridade			
Não sabe ler nem escrever	73	15,1	
Sabe ler e escrever	72	15,0	
4ª classe	247	51,2	<i>Mo: 4ª classe</i>
Ensino preparatório	20	4,1	
9º ano	29	6,0	
12º ano	12	2,5	
Curso superior	28	5,8	
Total	481	100	
Rendimentos			
Não são suficientes para os gastos	105	21,8	<i>Mo: Cobrem os</i>
Cobrem os gastos mas não permitem poupar nada	270	56,0	gastos mas não permitem poupar nada
Cobrem os gastos e permitem poupar	106	22,0	
Total	481	100	

Aposentadoria			
Não	23	4,8	
Sim	441	91,7	Mo: Sim
Tenho reforma mas trabalho	17	3,5	
Total	481	100	

Análise Estatística

Para a análise e tratamento dos dados utilizámos o Programa Estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (IBM SPSS Statistics, versão 21.0 para Windows).

Foi efetuado o cálculo da normalidade da distribuição da amostra, através do teste Kolmogorov-Smirnov, que nos indicou que as variáveis da rede de estudo não apresentam uma distribuição normal. No entanto, optou-se pela utilização de estatística paramétrica, dado que a amostra tende para a normalidade quando tem um n superior a 30 (Pestana & Gageiro, 2008).

Iniciámos as análises com estatísticas descritivas da rede social pessoal dos inquiridos, incluindo frequências, médias e desvios-padrão. Foi utilizado o teste t de Student com o intuito de verificar a existência de diferenças na rede social pessoal dos inquiridos em função da presença de irmãos na rede/ausência de irmãos na rede. Usamos o mesmo teste para averiguar as diferenças na rede social pessoal dos inquiridos em função do sexo. Também calculámos a ANOVA, de modo a analisar as diferenças na rede social pessoal dos inquiridos em função da idade.

Resultados

Na Tabela 3 pode ser encontrado o estudo descritivo das redes sociais pessoais de todos os sujeitos inquiridos. Ao nível da estrutura da rede social pessoal, verificou-se que esta apresenta um tamanho médio de 7,83. Relativamente à dispersão geográfica, e atendendo que “2” significa “no mesmo bairro” e “3” representa “na mesma terra”, a nossa amostra apresenta um valor médio de 2,80, o que significa que os elementos considerados na rede encontram-se relativamente próximo dos idosos entrevistados. A média da durabilidade das relações com membros da rede é de 40,18 anos. No que respeita à frequência de contactos, obteve-se um valor médio de 2,19, o que significa existir alguma tendência para que os

idosos tenham alguns contactos semanais com os elementos da sua rede. Relativamente à heterogeneidade quanto ao tipo de vínculos presentes na rede, a média é de 1,69, o que revela que os idosos inquiridos tendem a manter relações apenas com um ou dois tipos de grupos, configurando redes homogéneas quanto aos tipos de vínculos contemplados. Quanto à densidade da rede, obteve-se uma média de 96,03, o que configura uma prevalência de redes coesas.

Tabela 3.

Estudo descritivo da rede social pessoal dos idosos

	<i>n</i>	<i>Min</i>	<i>Máx.</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Caraterísticas estruturais					
Tamanho da rede	481	1	40	7,83	5,32
Dispersão geográfica	481	1	5	2,80	0,93
Durabilidade	481	3	74	40,18	11,49
Frequência dos contactos	481	1	5	2,19	0,94
Heterogeneidade	481	1	4	1,69	0,78
Densidade	481	0	100	96,03	11,72
Caraterísticas funcionais					
Apoio emocional	481	1	3	2,65	0,38
Apoio material e instrumental	481	1	3	2,28	0,50
Apoio informativo	481	1	3	2,37	0,50
Companhia social	481	1	3	2,34	0,47
Acesso a novos contactos	481	1	3	2,21	0,60
Reciprocidade de apoio	481	1	4	3,39	0,91
Medidas de satisfação					
Satisfação com o suporte social	350	1	3	2,69	0,52
Satisfação com a rede	391	1	3	2,82	0,40

Relativamente às características funcionais da rede, foram considerados o apoio emocional, material e instrumental, o apoio informativo, acesso a novos contactos, companhia social e a reciprocidade de apoio. Quando se procurou analisar o tipo de apoio que mais prevaleceu nos idosos inquiridos, verificou-se que, destes cinco apoios, o que apresentou um valor médio superior foi o apoio emocional com uma média de 2,65, seguido do apoio informativo ($M = 2,37$; $DP = 0,50$), companhia social ($M = 2,34$; $DP = 0,47$), apoio material e instrumental ($M = 2,28$; $DP = 0,50$) e acesso a novos contactos ($M = 2,21$; $DP =$

0,60). Pode então afirmar-se que os idosos se sentem emocionalmente apoiados pela sua rede. Quanto à reciprocidade esta apresenta um valor mínimo de 1 – “não dá apoio a nenhuma destas pessoas” e máximo de 4 – “ dá apoio à maior parte destas pessoas”, apresentado um valor médio de 3,39, significando que os idosos percecionam elevados níveis de reciprocidade com os elementos da sua rede. No que concerne às medidas de satisfação, estas foram subdivididas em dois grupos: satisfação com o apoio social e satisfação com a rede. Ambas assumem um valor mínimo de 1 e um máximo de 3, com três categorias de resposta “nada”, “pouco” ou “muito satisfeito(a)”. O valor médio obtido para a satisfação com o apoio social ($M = 2,69$; $DP = 0,52$) foi ligeiramente inferior ao valor médio da satisfação com a rede ($M = 2,82$; $DP = 0,40$), ambos indiciando elevados níveis de satisfação.

No que diz respeito às variáveis relacionadas com os irmãos na rede social pessoal dos idosos inquiridos (Tabela 4) importa começar por referir que do total da amostra, 29,1% ($n = 140$) referiu na sua rede um ou mais irmãos. Verifica-se que a média da durabilidade das relações com os irmãos é de 66,97 anos ($DP = 7,84$). Relativamente à frequência de contactos, obteve-se um valor médio de 2,63 ($DP = 1,24$), revelando existir alguma tendência para que os idosos tenham contactos semanais com os irmãos. A dispersão geográfica apresenta um valor médio de 3,31 ($DP = 1,01$), o que revela alguma distância entre os inquiridos e os seus irmãos (entre “viver na mesma terra” e “até 50 km”).

No que concerne aos apoios prestados pelos irmãos, observa-se na tabela que o tipo de apoio que mais prevaleceu foi o emocional ($M = 2,58$; $DP = 0,48$), seguindo-se o apoio informativo ($M = 2,30$; $DP = 0,62$), companhia social ($M = 2,14$; $DP = 0,61$), acesso a novos contactos através do irmãos ($M = 2,09$; $DP = 0,68$) e, por fim, o apoio material ($M = 2,08$; $DP = 0,70$).

Quanto ao sexo dos irmãos, verifica-se que existem mais irmãs ($n = 74$; 52,9%), de seguida irmãos ($n = 35$; 25,0%) e depois os que têm mais de um irmão, podendo ser mulher ou homem ($n = 31$; 22,1%). Ainda se observa que na distribuição por classes etárias, 61,4% dos irmãos pertencem ao escalão ≥ 65 ($n = 86$), 28,7% ao escalão de 18-64 anos ($n = 29$) e 17,9% ao escalão de 18-64+ ≥ 65 ($n = 25$).

Tabela 4.*Os irmãos na rede social pessoal dos idosos*

	<i>N</i>	<i>Min</i>	<i>Máx</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Durabilidade das relações com os irmãos	140	37	87	66,97	7,84
Frequência de contactos com irmãos	140	1	5	2,63	1,25
Dispersão geográfica	140	1	5	3,31	1,01
Apoio emocional dos irmãos	140	1	3	2,58	0,48
Apoio material dos irmãos	140	1	3	2,08	0,70
Apoio informativo dos irmãos	140	1	3	2,30	0,62
Companhia social dos irmãos	140	1	3	2,14	0,61
Acesso a novos contactos através dos irmãos	140	1	3	2,09	0,68
	<i>N</i>			<i>%</i>	
Sexo dos irmãos					
Feminino	74			52,9	
Masculino	35			25,0	
Feminino/masculino	31			22,1	
Total	140			100	
Idade dos irmãos					
18-64	29			20,7	
≥ a 65	86			61,4	
18-64+≥65	25			17,9	
Total	140			100	

De seguida analisou-se, através do teste *t* de Student, as diferenças nas variáveis relacionadas com o papel dos irmãos na rede em função do sexo dos mesmos. Optou-se por não considerar nesta análise aqueles que referem ter irmãos e irmãs, para melhor observar as diferenças entre sexos. Neste sentido, observa-se na Tabela 5 que a durabilidade das relações com os irmãos obteve um resultado significativo ($p = 0,02$), onde os irmãos do sexo masculino apresentam um valor médio mais elevado ($M = 69,90$; $DP = 6,73$), comparando com as irmãs ($M = 66,28$; $DP = 6,73$).

Não foram encontradas outras diferenças estatisticamente significativas considerando o sexo dos irmãos, embora seja de salientar que as médias de todos os tipos de apoio proveniente das irmãs são superiores às dos irmãos (isto é particularmente evidente no caso do apoio emocional, cuja diferença se aproxima bastante da significância estatística). Igualmente importa destacar que existe maior frequência de contactos e menor dispersão geográfica relativamente às irmãs.

Tabela 5.*Características da relação com os irmãos na rede social segundo o seu sexo*

	Feminino (<i>n</i> = 74)		Masculino (<i>n</i> = 35)		<i>T</i>	<i>Sig.</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Durabilidade das relações com os irmãos	66,28	8,43	69,90	6,73	-2,22	0,02*
Frequência de contactos com irmãos	2,32	1,16	2,69	1,31	-1,45	0,14
Dispersão geográfica dos irmãos	3,24	0,95	3,30	1,16	-0,31	0,75
Apoio emocional dos irmãos	2,66	0,46	2,47	0,55	1,84	0,06
Apoio material dos irmãos	2,15	0,71	2,12	0,72	0,99	0,83
Apoio informativo dos irmãos	2,37	0,59	2,19	0,70	1,39	0,09
Companhia social dos irmãos	2,27	0,61	2,05	0,66	1,69	0,46
Acesso a novos contactos através dos irmãos	2,17	0,69	1,99	0,72	1,28	0,61

t = Teste t de Student ($p < 0,05$); *Sig* = *p* (valor de significância) ; * $p \leq 0,05$

Na Tabela 6 apresentam-se as pontuações médias obtidas nas características das relações com os irmãos em função da sua idade, tendo sido realizada para o efeito uma ANOVA. Pode observar-se que existem diferenças significativas na durabilidade das relações com os irmãos ($p = 0,00$), onde os irmãos com idade igual ou superior a 65 anos apresentam a média mais elevada ($M = 70,92$; $DP = 6,50$), seguindo-se os irmãos com 18-64+ ≥ 65 anos ($M = 62,85$; $DP = 3,81$) e os irmãos com 18-64 anos ($M = 58,80$; $DP = 5,70$).

No que diz respeito à frequência de contactos com os irmãos ($p = 0,02$) foi a categoria de irmãos com 18-64 anos a apresentarem valores médios superiores ($M = 2,44$; $DP = 1,01$), seguindo-se os irmãos com ≥ 65 ($M = 2,52$; $DP = 1,31$) e com 18-64+ ≥ 65 anos ($M = 3,24$; $DP = 1,15$).

Relativamente aos apoios facultados pelos irmãos, verificaram-se diferenças significativas no apoio informativo ($p = 0,03$), na companhia social ($p = 0,03$) e no acesso a novos contactos ($p = 0,02$). Em todos os apoios foram os inquiridos mais novos (18-64 anos) a apresentarem os valores médios mais elevados (apoio informativo $M = 2,55$, $DP = 0,50$; companhia social $M = 2,31$, $DP = 0,54$; acesso a novos contactos $M = 2,44$; $DP = 0,57$), em comparação com o grupo dos inquiridos com ≥ 65 (apoio informativo $M = 2,26$, $DP = 0,65$; companhia social $M = 2,17$, $DP = 0,65$; acesso a novos contactos $M = 2,06$; $DP = 0,69$) e com 18-64+ ≥ 65 (apoio informativo $M = 2,15$, $DP = 0,57$; companhia social $M = 1,88$, $DP = 0,44$; acesso a novos contactos $M = 1,82$; $DP = 0,61$).

Ainda se realizou o teste post-hoc de Tukey, onde se observou em maior pormenor as diferenças entre os grupos. No que concerne à durabilidade das relações com os irmãos, as diferenças situam-se entre o grupo de inquiridos com 18-64 anos e com \geq a 65 anos ($p = 0,00$), entre os grupos com 18-64 anos e com 18-64+ \geq 65 anos ($p = 0,03$), e também entre os grupos com \geq a 65 anos e com 18-64+ \geq 65 anos ($p = 0,00$). Na frequência de contactos com irmãos, as diferenças encontram-se entre os grupos com \geq a 65 anos e com 18-64+ \geq 65 anos ($p = 0,02$), bem como entre os grupos com 18-64 anos e com 18-64+ \geq 65 anos ($p = 0,05$). No apoio informativo dos irmãos encontram-se as diferenças entre os grupos com 18-64 anos e com 18-64+ \geq 65 anos ($p = 0,05$). Na companhia social dos irmãos as diferenças situam-se entre os grupos com 18-64 anos e com 18-64+ \geq 65 anos ($p = 0,02$). Por fim, no acesso a novos contactos através dos irmãos as diferenças encontram-se entre os grupos com 18-64 anos e com \geq a 65 anos ($p = 0,02$), assim como nos grupos com 18-64 anos e com 18-64+ \geq 65 anos ($p = 0,00$).

Tabela 6.

Características da relação com os irmãos na rede social segundo a sua idade

	18-64 anos ($n = 29$)		\geq a 65 anos ($n = 86$)		18-64+ \geq 65 anos ($n = 25$)			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>Sig.</i>
Durabilidade das relações com os irmãos	58,80	5,70	70,92	6,50	62,85	3,81	52,26	0,00**
Frequência de contactos com irmãos	2,44	1,01	2,52	1,31	3,24	1,15	3,74	0,02*
Dispersão geográfica dos irmãos	3,17	0,92	3,29	1,07	3,55	0,89	1,00	0,36
Apoio emocional dos irmãos	2,62	0,49	2,59	0,49	2,53	0,46	0,21	0,81
Apoio material dos irmãos	2,25	0,68	2,10	0,71	1,82	0,58	2,78	0,06
Apoio informativo dos irmãos	2,55	0,50	2,26	0,65	2,15	0,57	3,31	0,03*
Companhia social dos irmãos	2,31	0,54	2,17	0,65	1,88	0,44	3,57	0,03*
Acesso a novos contactos através dos irmãos	2,44	0,57	2,06	0,69	1,82	0,61	6,37	0,02*

F = ANOVA ($p < 0,05$); $Sig = p$ (valor de significância); * $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$

Como se pode observar na Tabela 7, analisaram-se as características estruturais e funcionais, assim como as medidas de satisfação, em função da presença/ausência de irmãos na rede, calculando-se para o efeito o teste *t* de Student.

Relativamente às características estruturais da rede, observou-se que existem diferenças significativas no tamanho médio da rede ($p = 0,00$). Esta é maior nos que referiram a presença de irmãos ($M = 10,17$; $DP = 6,13$), comparativamente aos idosos que mencionam não ter irmãos na sua rede irmãos ($M = 6,87$; $DP = 4,63$). A comparação entre os dois grupos revelou diferenças significativas ao nível da dispersão geográfica ($p = 0,00$), com os idosos que mencionaram a presença de irmãos na rede a revelar uma maior dispersão geográfica dos elementos da sua rede ($M = 3,14$; $DP = 0,75$) do que aqueles que assinalaram não ter irmãos ($M = 2,66$; $DP = 0,97$). A durabilidade média das relações também apresenta um resultado significativo ($p = 0,00$), sendo maior nos idosos que referem a presença de irmãos na sua rede ($M = 43,13$; $DP = 9,83$), comparativamente com os que referem a ausência de irmãos ($M = 38,97$; $DP = 11,91$). Verifica-se que a frequência de contactos ($p = 0,00$) apresenta diferenças significativas entre os dois grupos, onde os inquiridos com presença de irmãos revelam as médias mais baixas ($M = 2,46$; $DP = 0,86$), quando comparados com os inquiridos que não têm irmãos na sua rede ($M = 2,09$; $DP = 0,96$). A homogeneidade ($p = 0,03$) reflete o número de quadrantes com membros, verificando-se que as redes com irmãos apresentam um valor médio superior ($M = 1,85$; $DP = 0,78$), comparando com as redes pontuadas pela ausência de irmãos ($M = 1,62$; $DP = 0,77$). Na densidade também existem diferenças significativas ($p = 0,02$), sendo que os idosos que não mencionaram irmãos têm maior densidade ($M = 97,08$; $DP = 9,98$), em comparação com o grupo de idosos que assinalam irmãos ($M = 93,44$; $DP = 14,88$).

Em relação às características funcionais da rede social pessoal, verificou-se que existem diferenças significativas ao nível do apoio emocional ($p = 0,00$), no qual os idosos sem irmãos na sua rede apresentam os resultados médios mais elevados ($M = 2,68$; $DP = 0,39$), comparativamente aos idosos com presença de irmãos ($M = 2,59$; $DP = 0,35$). No apoio material e instrumental ($p = 0,00$) também encontramos as médias mais elevadas nos inquiridos com ausência de irmãos na sua rede ($M = 2,39$; $DP = 0,51$). O mesmo acontece na companhia social ($p = 0,01$), constatando-se que as redes de idosos com ausência de irmãos obtiveram os valores médios mais elevados ($M = 2,40$; $DP = 0,48$). No apoio informativo, acesso a novos contactos e reciprocidade de apoio as diferenças não são estatisticamente significativas.

Por último, e considerando as duas medidas de satisfação, observa-se que a satisfação com a rede revela um valor significativo ($p = 0,00$), onde os idosos que referenciam a presença de irmãos sentem-se mais satisfeitos com a sua rede ($M = 2,88$; $DP = 0,31$), do que aqueles que não assinalam irmãos ($M = 2,80$; $DP = 0,43$).

Tabela 7.

Características estruturais e funcionais da rede segundo a presença e ausência de irmãos

	Presença de irmãos (<i>n</i> = 140)		Ausência de irmãos (<i>n</i> = 341)			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>T</i>	<i>Sig.</i>
Caraterísticas estruturais						
Tamanho da rede	10,17	6,13	6,87	4,63	6,43	0,00**
Dispersão geográfica	3,14	0,75	2,66	0,97	5,18	0,00**
Durabilidade	43,13	9,83	38,97	11,91	3,65	0,00**
Frequência dos contactos	2,46	0,86	2,09	0,96	3,96	0,00**
Heterogeneidade	1,85	0,78	1,62	0,77	3,02	0,03*
Densidade	93,44	14,88	97,08	9,98	-3,09	0,02*
Caraterísticas funcionais						
Apoio emocional	2,59	0,35	2,68	0,39	-2,11	0,03*
Apoio material e instrumental	2,15	0,51	2,33	0,48	-3,71	0,00**
Apoio informativo	2,31	0,47	2,39	0,51	-1,74	0,08
Companhia social	2,19	0,42	2,40	0,48	-4,48	0,00**
Acesso a novos contactos	2,13	0,54	2,24	0,62	-1,82	0,06
Reciprocidade de apoio	3,39	0,81	3,39	0,95	0,31	0,97
Medidas de satisfação						
Satisfação com o suporte social	2,68	0,52	2,69	0,52	-0,65	0,92
Satisfação com a rede	2,88	0,31	2,80	0,43	1,87	0,00**

t = Teste t de Student ($p < 0,05$); Sig = p (valor de significância) ; * $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$

Discussão e Conclusão

Como já foi sublinhado, o presente estudo tem como objetivo analisar o papel dos irmãos nas redes sociais dos idosos. Em específico, comparou-se as redes sociais pessoais dos indivíduos que assinalam irmãos no seio das suas redes com aquelas que se pontuam pela inexistência de irmãos. Ainda se analisou as diferenças das variáveis relacionadas com os irmãos em função do sexo e idade dos mesmos. Os principais resultados evidenciam alguns aspetos relevantes:

- a) 29,1% dos idosos inquiridos assinalaram a presença de irmãos na rede, existindo neste grupo redes maiores, maior dispersão geográfica dos elementos da rede, mais durabilidade das relações, menor frequência de contactos, maior heterogeneidade e menor densidade. Por outro lado, identificou-se nas redes com irmãos menos apoio emocional, apoio material e instrumental e companhia social, mas maior satisfação com a rede. Verificou-se que, entre aqueles que referiram irmãos, a maior parte identificou elementos do sexo feminino com idade igual ou superior a 65 anos.
- b) 70,9% dos inquiridos não referiram irmãos nas suas redes, as quais revelaram serem menores em tamanho, com menos dispersão geográfica, menor durabilidade das relações, maior frequência de contactos, menor heterogeneidade e maior densidade. Estas redes sem irmãos são igualmente pontuadas por índices mais elevados de apoio emocional, material e companhia, mas neste caso os inquiridos revelaram menor satisfação com a rede.

Apesar da maioria dos inquiridos não referir irmãos, estes resultados devem ser ponderados e as conclusões sobre a importância dos irmãos na vida dos idosos têm necessariamente de ser cuidadosas. Deveremos, assim, tomar em consideração que neste estudo não foi possível discriminar aqueles que não referiram irmãos porque não os têm, daqueles que não referiram irmãos por opção. Também não foi aferida a eventual perda de irmãos que, caso ainda vivessem, poderiam integrar a rede. O nosso estudo revela efetivamente uma percentagem relativamente baixa de indivíduos que referem irmãos na sua rede, comparativamente com outros trabalhos. Por exemplo, o estudo de Cicirelli (1995) nos EUA refere que quase 78% das pessoas com mais de 60 anos de idade tem pelo menos um irmão com quem ainda comunicam. Contudo, importa reforçar que esta diferença pode ser devida ao método de avaliação da rede (solicita-se ao inquirido que refira elementos que são

significativos e/ou o apoiem), pelo que estudos adicionais poderão contemplar esta limitação (por exemplo, através de métodos qualitativos ou quantitativos que questionem especificamente a relação com os irmãos). De acordo com a literatura, o distanciamento entre irmãos adultos depende da dinâmica familiar passada. Se existiram relações familiares próximas, vinculadas por laços emocionais fortes e coesos, a tendência para haver mais proximidade, frequência e durabilidade de contactos, assim como a prestação de apoio para com a sua família é maior (Goldsmid & Féres-Carneiro, 2007). Nesse sentido, estudos subsequentes poderão igualmente focar o passado familiar para melhor compreender a relação atual entre irmãos na velhice. Também poderão incluir instrumentos de avaliação do funcionamento familiar, como por exemplo, a Escala de Apgar Familiar de Smilkstein (1978) (Versão Portuguesa de Agostinho & Rebelo, 1988) para avaliar a perceção que o indivíduo inquirido tem sobre o funcionamento da sua família, especificamente ao nível da adaptação intrafamiliar, participação / comunicação, crescimento / desenvolvimento, afeto e resolução / dedicação ou decisão.

Ademais, apesar dos resultados parecerem indicar que as redes com irmãos são menos suportativas, importa sublinhar que são maiores e que, por isso, os valores médios de suporte (calculados pela soma de todos os apoios prestados por todos os membros da rede a dividir pelo número total de elementos da rede) podem ver-se diminuídos sem que isso signifique necessariamente alguma carência de apoio. Estes resultados podem igualmente dever-se a uma tendência para os sujeitos que referiram irmãos apresentarem uma abordagem ao delineamento da rede mais afetiva (referir elementos que são significativos, independentemente das funções que exercem para com eles) do que interativa (referir apenas aqueles com quem mantém contactos muito regulares) ou de troca/instrumental (referir apenas aqueles que os apoiam) (Van der Poel, 1993).

De qualquer modo, as redes com irmãos parecem deter um conjunto de características que a literatura identifica como positivas. O maior tamanho pode prevenir a possibilidade de sobrecarga, a menor densidade pode diminuir o risco de conformidade, e a maior heterogeneidade pode prevenir a inércia (Sluzki, 1996). E não se deve olvidar que os idosos que referiram irmãos na rede possuem um maior grau de satisfação com a mesma.

O presente estudo é o segundo do Projeto “Redes Sociais Pessoais de Idosos Portugueses” sobre um vínculo específico, tendo o primeiro sido realizado sobre o papel dos netos (Campos, 2014). O estudo de Campos (2014) compreendeu uma amostra mais reduzida de 287 sujeitos idosos inquiridos, em que 66,90% assinalaram netos na sua rede. Tal pode revelar um maior enfoque nas relações intergeracionais e menor nas relações intrageracionais

nas redes dos idosos portugueses contemporâneos. Com efeito, as transformações sociodemográficas que dimanam de menores índices de natalidade e maior longevidade fazem emergir na atualidade as chamadas famílias "em feijoeiro", com muitas gerações coexistentes no tempo, mas menos elementos em cada uma (Vicente, 2010). Nestas famílias aumentam as possibilidades de relações intergeracionais (por exemplo, com os netos) em desprovelo das intrageracionais (por exemplo, com irmãos), pelo que podemos questionar até que ponto os resultados do presente estudo, em comparação com os de Campos (2014), não espelham já esta tendência.

Ainda no que diz respeito ao estudo de Campos (2014), os principais resultados evidenciam alguns aspetos importantes: existem diferenças na rede entre aqueles que referem netos e os que não referem, essencialmente ao nível das características estruturais; não parece haver diferenças nas características funcionais entre as redes com netos e as redes sem netos, exceto na companhia social, onde as redes sem netos apresentam níveis superiores; os idosos que incluem netos nas suas redes apresentam maior nível na satisfação com a rede do que aqueles que não referiram netos. Comparativamente ao nosso estudo, constata-se que a presença destes vínculos está associada a redes diferentes, principalmente ao nível da estrutura. Destaca-se igualmente que a rede com irmãos, tal como a rede com netos, está associada a níveis superiores de satisfação com a rede. Desta forma, é possível aventar que os vínculos familiares específicos (sejam netos, irmãos ou outro elemento da família) têm um papel relevante e positivo na vida dos idosos.

Relativamente às características das relações com os irmãos, importa referir a elevada durabilidade (são em média relações com mais de 60 anos), que pode configurar uma história partilhada e um elo de ligação a um passado que apenas os irmãos se recordam (por exemplo, as relações com os seus próprios pais ou avós). A frequência de contactos é menor do que em relação à média das relações na rede, mas ainda assim semanal. A dispersão geográfica é mais acentuada do que a média da rede total, ilustrando uma possível dificuldade na acessibilidade da relação com os irmãos. Os apoios prestados pelos irmãos são inferiores à média da rede, mas permanecem entre "algum" e "muito" em todos os tipos. A literatura apresenta alguns elementos que poderão ajudar a compreender os resultados obtidos. Por exemplo, na pesquisa de Fernandes (2001, cit. in Ribeiro, 2007) é referido que os idosos apresentam mudanças nos papéis e redes sociais, uma vez que sofrem diversas mudanças psicossociais, designadamente a alteração da situação conjugal e a diminuição do contacto com os amigos, devido à reforma e a algumas diminuições da sua funcionalidade que impedem a realização de atividades. De salientar que, para estas mudanças também pode

contribuir o facto de grande parte dos integrantes da rede social pessoal dos idosos estarem igualmente na velhice e, por isso, a viverem as mesmas dificuldades (frequência de contactos, dispersão geográfica e prestação de apoio). Portanto, será possível hipotetizar que os irmãos dos idosos, por terem idades similares, estão igualmente a atravessar os desafios da velhice, sendo que os processos de manutenção dos seus laços se tornam igualmente difíceis com a diminuição da energia necessária para manter ativos os vínculos (Sluzki, 1996).

Importa referir que, dentro do sistema familiar multigeracional todas as gerações desempenham funções importantes (Vicente & Sousa, 2010), não havendo uma atribuição exclusiva de papéis, salvaguardando-se a reciprocidade normalmente estabelecida entre pais e filhos. Esta reciprocidade consiste na ideia de que os cuidados prestados pelos pais focam-se na tentativa de garantir a sobrevivência dos seus filhos, cuidados que poderão ser-lhes devolvidos na velhice (Osório, 1996). Por isso, o papel dos filhos durante a idade avançada é tão importante. Contudo, embora os apoios mais tangíveis e frequentes possam ser prestados pelos filhos, outras gerações e outros vínculos, como os irmãos, também poderão desempenhar um papel relevante, se bem que não tão evidente ou manifesto.

No que diz respeito às características da relação com os irmãos segundo o seu sexo, apenas se constata que existe mais durabilidade nas relações com os irmãos. Estes resultados não são consonantes com a literatura que identifica diferenças entre irmãos e irmãs. Por exemplo, no estudo de White e Riedmann (1992) sobre o apoio social entre irmãos adultos, os autores relatam que o género desempenha uma função relevante, com as irmãs a manterem mais contacto com os irmãos/irmãs, em comparação com os irmãos.

A idade dos irmãos também tem impacto nas características da relação que estabelecem com os inquiridos. Verificou-se que os irmãos com idade igual ou superior a 65 anos, ou seja, os mais velhos, tendem a manter as relações com os inquiridos durante mais tempo, o que seria expectável. Relativamente aos apoios partilhados entre os irmãos foram os inquiridos mais novos (18-64 anos) a prestarem mais apoio informativo, companhia social e acesso a novos contactos pelos irmãos. Este resultado pode estar associado à maior disponibilidade física destes irmãos mais novos para conviver, e como ainda estão em idade laboral podem ter acesso facilitado a outras redes e mais informações. A relação entre idade e relação de irmãos foi abordada por Cicirelli (1995) que referiu que a proximidade emocional dos irmãos aumenta com a idade. Por outro lado, na revisão da literatura constante na introdução já havia sido referenciado que os estudos sobre irmãos focam normalmente a infância e as questões de conflito/rivalidade que emergem nestas fases. Neste estudo, emergiu o potencial de suporte e entajuda desta relação, embora seja de sublinhar que os sujeitos

não foram questionados quanto ao grau de conflito que apresentam para com os membros da sua rede (o que permitiria analisar se as relações entre irmãos na velhice são mais ou menos conflituosas do que outras relações). De qualquer modo, os estudos indicam que as gerações mais idosas tendem a apresentar níveis mais baixos de conflito com os elementos da sua rede, comparativamente com as gerações mais novas (Vicente & Sousa, 2012b), o que pode traduzir os esforços em atingir a integridade individual (Erikson, 1976) e das relações familiares (King & Wynne, 2004).

As redes sociais pessoais parecem ser caracterizadas por um processo evolutivo que alguns autores têm vindo a destacar (e.g. Vicente, 2010). Wrzus, Hänel, Wagner, Neyer e Franz (2013) referem que existem mudanças na rede social que estão relacionadas com a idade. Os investigadores analisaram 277 estudos que englobaram 177.635 participantes, da adolescência até à velhice. Diversos estudos transversais e longitudinais mostraram que a rede social global aumenta até à idade adulta jovem e, em seguida, diminui de forma constante. Tanto a rede pessoal, como a rede de amizade, diminuem durante a vida adulta. Já a rede familiar revela um tamanho estável, desde a adolescência até à velhice. Neste ponto sublinha-se uma vez mais a relevância da relação dos idosos com os irmãos como uma das mais duradouras na rede, e emerge mais uma sugestão de pesquisa futura, pois para estudar a evolução da relação com os irmãos ao longo do tempo seria adequado adotar metodologias longitudinais, que acompanhassem pares de irmãos ao longo do tempo, e que permitissem analisar as diferenças ou constâncias na relação, por exemplo, com as diferentes fases do ciclo vital.

Apesar das dificuldades sentidas nos dias de hoje (Redante et al., 2005), a família constitui-se como o principal sistema de suporte do idoso. Neste sentido, sabe-se que os idosos valorizam bastante as relações familiares e experienciam-nas com intensidade, tendo impacto no seu bem-estar e qualidade de vida (Costa, Coelho e Oliveira, 2007). As relações com filhos (e.g. Rossi & Rossi, 1990) ou com netos (e.g. Campos, 2014) na velhice têm sido amplamente estudadas, mas as relações entre irmãos podem igualmente configurar um campo de estudos bastante profícuo e relevante para o conhecimento do entorno social dos sujeitos nas fases finais do seu ciclo vital.

Bibliografia

- Agostinho, M., & Rebelo, L. (1988). Família: do conceito aos meios de comunicação. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 5(32), 18-21.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto.
- Alarcão, M., & Sousa, L. (2007). Rede Social Pessoal: do conceito à avaliação. *Psychologica*, 44, 353-376.
- Antonucci, T. C., Ajrouch, K. J., & Birditt, K. S. (2013). The Convoy Model: Explaining Social Relations From a Multidisciplinary Perspective. *The Gerontologist*, 1-11.
- Antonucci, T. C., & Akiyama, H. (1987). Social networks in adult life and a preliminary examination of the convoy model. *Journal of Gerontology*, 42, 519-527.
- Campos, P. (2014). *O Papel dos Netos nas Redes Sociais Pessoais de Idosos Portugueses*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica – Ramo de Psicologia Forense, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.
- Cattani, R., & Girardon-Perlini, N. (2004). Cuidar do idoso doente no domicílio na voz de cuidadores familiares. *Revista Eletrónica de Enfermagem*, 6(2), 254-271.
- Cicirelli, V. G. (1995). *Sibling relationships across the life span*. New York: Plenum Press.
- Costa, A., Coelho, L., & Oliveira, R. (2007). *A Família perante o Doente Hospitalizado*. *Sinais Vitais*, 72, 33-34.
- Connidis, I. A. (1994). Sibling Support in Older Age. *The Gerontological Society of America*, 49(6), 309-318.
- Connidis, I. A., & Davies, L. (1990). Confidants and companions in later life: The place of family and friends. *Journal of Gerontology: Social Sciences*, 45, 141-149.
- Erikson, E. (1976). *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original de 1963).
- Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Raposo, J. V. (2007). Posição na fratria e personalidade. *Campinas*, 24(3) 297-304.
- Goldsmid, R., & Féres-Carneiro, T. (2007). A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão. *Psicologia em Revista*, 13(2), 293-308.
- Guadalupe, S. (2003). Programa de rede social: Questões de intervenção em rede secundária. *Interações, Sociedade e novas modernidades*, 5, 67-90.
- Handel, G. (1994). Central issues in the construction of sibling relationships. In G. Handel G. G. Whitchurch (Eds.), *The Psychosocial Interior of the Family* (pp. 493-523). New York: Aldine de Gruyter.

- Instituto Nacional de Estatística – INE (2013). *Estatísticas Demográficas 2011*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, IP.
- King, D. A., & Wynne, L.C. (2004). The emergence of “family integrity” in later life. *Family Process*, 43 (1), 7-21.
- Lang, F. R. (2000). Endings and continuity of social relationships: Maximizing intrinsic benefits within personal networks when feeling near to death. *Journal of Social and Personal Relationships*, 17, 155-182.
- Latham, K., Clarke, P. J., & Pavela, G. (2015). Social Relationships, Gender, and Recovery From Mobility Limitation Among Older Americans. *Journals of Gerontology, Psychological Sciences and Social Sciences*, 1-13. doi: 10.1093/geronb/gbu181.
- Lu, P-C. (2007). Sibling Relationships in Adulthood and Old Age: A Case Study of Taiwan. *Current Sociology*, 55(4), 621-637.
- Neyer, F. J. (2002). Twin relationships in old age: A developmental perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 19(2), 155-177.
- Osório, L. (1996). *Família Hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS* (5ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Redante, D. et al (2005). Cuidando o idoso e a família. *Revista Fam. Saúde Desev.*, 7(2), 158-163.
- Ribeiro, A. (2007). *Imagens da velhice em profissionais que trabalham com idosos*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Rossi, A. S., & Rossi, P. H. (1990). *Of human bonding: Parent-child relations across the life course*. New York: Aldine de Gruyter.
- Sampaio, D., & Gameiro, J. (1985). *Terapia Familiar*. Porto: Biblioteca das Ciências do Homem – Edições Afrontamento.
- Schroots, J., & Birren, J. (1980). A psychological point of view toward human aging and adaptability. In J. Schroots e J. Birren (Eds.), *Adaptability and Aging* (pp. 43-54). Quebec, Canada: Proceedings of 9th International Conference of Social Gerontology.
- Sluzki, C. E. (1996). *La Red Social: Frontera de la Práctica Sistémica*. Barcelona: Editorial Gedisa.
- Smith, M. J., & Greenberg, J. S. (2008). Factors Contributing to the Quality of Sibling Relationships for Adults With Schizophrenia. *Psychiatric Services*, 59(1), 57-62.
- Sousa, L. (2005). Building on personal networks when intervening with multiproblem poor families. *Journal of Social Work Practice*, 19(2), 159-75.

- Van der Poel, M. (1993). Delineating personal support networks. *Social Networks*, 15(1), 49-70.
- Vicente, T. H. (2010). *Família multigeracional e Relações Intergeracionais: Perspetiva Sistémica*. (Tese de Doutoramento não publicada). Secção Autónoma de Ciências da Saúde, Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Vicente, T. H., & Sousa, L. (2010). Funções na família multigeracional: Contributo para a caracterização funcional do sistema familiar multigeracional. *Psychologica*, 53, 157-181.
- Vicente, T. H., & Sousa, L. (2012a). Redes sociais pessoas das gerações mais velhas: famílias com quatro gerações vivas. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15 (2), 75-98.
- Vicente, H. T., & Sousa, L. (2012b). Relações intergeracionais e intrageracionais: A matriz relacional da família multigeracional. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15 (2), 99-117.
- White, L. K., & Riedmann, A. (1992). Ties among adult siblings. *Social Forces*, 71, 85-102.
- Wrzus, C, Hänel, M., Wagner, J., & Neyer, F. J. (2013). Social network changes and life events across the life span: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 139(1), 53-80.